



A HISTÓRIA DOS HOMENZINHOS DE PATINS

Era uma vez um planeta onde se nascia, vivia e morria sobre patins. Também se viajava, namorava e trabalhava sobre patins. O seu uso era obrigatório porque caminhar era um processo muito lento e tomava muito tempo. Alguns habitantes nem sequer tiravam os seus pés rolantes para dormir.

Nunca ninguém chegava atrasado ao emprego ou às aulas. Só se falava o estritamente necessário, porque até as sílabas eram contabilizadas. Todas as actividades susceptíveis de nos fazer perder segundos preciosos eram proibidas: falar da chuva e do bom tempo, comprar bombons, arrastar-se, de manhã, por casa, em peúgã, dançar o tango, ou ter bebés. Um bebé exige tempo e isso faz com que nos tornemos menos eficazes.

Mas porque corriam as pessoas assim?

Porque no planeta ao lado viviam uns seres cinzentos e tristes, que tinham decidido fazer das pessoas cavalos de corrida. Para isso, tinham-nas transformado em seres que apenas viviam para a velocidade e para o stress. Esses seres faziam apostas e lançavam na lixeira intersideral as pessoas que perdessem a corrida. As pessoas não passavam de escravas...

O corpo humano não consegue viver a 500 quilómetros à hora e, assim, as pessoas passaram a sofrer de várias doenças, a mais catastrófica das quais era a das fracturas do crânio. Sempre que uma criança caía, o seu cérebro começava a encolher até ficar do tamanho de uma ervilha. Como estas fracturas eram cada vez mais frequentes, as pessoas

ficavam cada vez menos inteligentes. Por isso, ninguém tivera ainda a ideia de inventar um capacete para proteger a cabeça.

Mas os seres cinzentos e tristes estavam a ficar sem escravos e decidiram, então, inventar eles mesmos o capacete e tornar o seu uso obrigatório. Como as pessoas tinham o cérebro protegido, podiam utilizá-lo para pensar. Por exemplo, para pensar por que razão haviam de andar tão depressa.

Então, pouco a pouco, começaram a reduzir o ritmo da sua vida e a dar-se conta que correr não serve de nada. Que isso apenas as escravizava mais em relação ao povo dos seres tristes e cinzentos. Passaram, então, a brincar, a conversar, a jogar, a fazer amigos, sem medo de que isso lhes fizesse mal. E nem viam o tempo passar...

Todos se inscreviam em cursos de dança, assistiam ao pôr-do-sol, davam longos passeios pela floresta. A transformação ainda demorou algum tempo. Mas as dores de barriga e de cabeça desapareceram. E começaram de novo a nascer bebés...

Sophie Carquain
Petites histoires pour devenir grand (2)
Paris, Albin Michel, 2005
(Tradução e adaptação)